

“Obscenidade” em cena: o desnudamento da homoafetividade e da solidão em conto de Antonio de Pádua

Mestrando Jhonatan Leal da Costa (UEPB)
Orientador: Prof. Dr. Ricardo Soares (UEPB)

Resumo:

A presente pesquisa traça uma análise de um conto homoerótico do escritor paraibano Antonio de Pádua Dias da Silva (2010), “Obs-ceno”, no desejo de compreender quais aspectos norteiam os homoafetivos representados para o sentimento de solidão. A partir de um viés psicanalítico abordado por Sigmund Freud (1973), entendemos quais são os fatores psicológicos que condicionam os personagens destas narrativas a sensações de desamparo. O embasamento sociológico de Anthony Giddens (1992) revela que a condição de ser homoafetivo desperta agentes culturais que interferem na relação desses sujeitos consigo próprios e com o mundo. O protagonista do conto de Antonio de Pádua, que vale ressaltar, é pesquisador na área de Gênero e Sexualidade, não tem pudores com a sexualidade e está constantemente em busca de um objeto sexual. Apesar do constante envolvimento em relações afetivas, ele apresenta inúmeros sintomas provocados pelo estado de solidão. Pretendemos, aqui, apresentar fatores que transformam esta persona de conduta tão comum entre os sujeitos da contemporaneidade, em solitário.

Palavras-chave: Literatura. Homoafetividade. Solidão.

1 Entre o negar-se e o aceitar-se

O conto “Obs-ceno”, do escritor Antonio de Pádua Dias da Silva, publicado no livro *Abjetos: Desejos* (2010), aborda temáticas relacionadas à configuração da identidade de gênero e aos relacionamentos casuais, efêmeros, facilmente encontrados na contemporaneidade. Suas seis concentradas páginas alcança ao leitor boa quantidade de informação. Logo nas primeiras linhas (SILVA, 2010, p. 63), declarando o narrador suas memórias, somos “lançados” em meio a um torvelinho de questionamentos, reflexões, lembranças e anseios: o estranhamento com a realidade, a não identificação consigo, a incompreensão de seus desejos; todas essas preocupações surgem ainda na primeira lauda, de maneira rápida e amontoada, através de indagações que nos induzem a acreditar em uma falta de conhecimento do narrador de primeira pessoa para consigo: “Quando – pensava calado – até então havia tido consciência das coisas estranhas que sentia?”. Nostálgico, ele declara em seguida que “jamais iria saber” e, ainda

Congresso Internacional da ABRALIC
Internacionalização do Regional

afirmando não encontrar explicação, lembra que, quando via o pai, “*ficava todo pegajoso. Era algo meio nojento, porque as partes de baixo ficavam intumescidas, lubrificadas*”; e só então percebemos que a aflição contida nas dúvidas de suas reflexões está pautada na atração sexual que ele sentia pelo mesmo sexo. O desejo que sentiu no passado pela figura paterna vem a corroborar a teoria levantada por Freud (Cf.: 1973, p. 124) de que os nossos primeiros impulsos sexuais são voltados para os nossos pais.

Ao problematizar as possíveis causas que o conduziram à homoafetividade, o narrador conclui que “*o segredo das flores não são revelados, nem ao mais puro mortal*”, relacionando, desta maneira, a imagem das flores com a origem da homoafetividade, o que lhe atribui um teor *natural*. Essa relação se manifesta na narrativa de maneira implícita, mas as marcas textuais apresentadas não nos deixam dúvidas a respeito da visão essencialista do narrador, que ainda coloca que “*quando menos se espera uma flor brota no chão, no meio das pedras, entre o lodo, na parede, até mesmo no chão do asfalto*”; o que corrobora nossa interpretação, pois não diferente ocorre aos homoafetivos, que “*brotam*”, diariamente, nos mais variados espaços e classes sociais. (SILVA, 2010, p. 63).

O ritmo acelerado dessas primeiras linhas prossegue (SILVA, 2010, pp. 63-4). O leitor, apanhado pela rapidez do narrador, não precisa esperar muito para descobrir a sensação de incompletude que o domina. “*E quando chovia, parecia que o mundo ia se acabar*”, ele lamenta, ao recordar do clima favorável para estar em casa, preferencialmente na companhia de alguém de seu afeto: “*Era clima perfeito para os sabores da carne aparecerem com tamanha gula*”. Mas a solidão se faz presente, e sem transição, brusco, sem modalizar, anuncia o estado a que estava sujeito: “*Vivia continuamente uma sangria desatada*”. O sangue, de acordo Jean Chevalier e Allain Gherbrant (2012, p. 800), é universalmente considerado como o veículo da vida. Ele é símbolo da parte emocional humana e seu derramamento representa a intensidade da vida afetiva, que por não ser vivenciada, acumula-se e esvai-se.

Apesar de sempre enfatizar uma incompreensão consigo (SILVA, 2010, p. 64), o narrador demonstra bastante clareza a respeito das circunstâncias e dos meios que utilizou para não ser influenciado pelo o que ele chama de “*projeções do mundo*”, o que estaria para os discursos dominantes que nos dizem a todo tempo como devemos ser. “*Para me ler, precisei de aulas de natação e afogamento: era preciso mergulhar a água, bem fundo na alma*”, confessa, expondo que o processo de autoconhecimento o levou além de suas características superficiais; “*era obrigatório o afogamento*”, a imersão em si mesmo, a análise de quem era, por meio de questionamentos ao presente e ao passado, que o conduziria para “*dentro da lama*” e traria para a consciência fatores ignorados, sobrepostos pelos ideais de vida que as instituições – políticas, religiosas, familiares – nos fazem acatar, muitas vezes, sem que percebamos.

A falta de uma consciência de identidade é ressaltada pelo narrador através da imagem do espelho: “*Diante do espelho, deitado na larga cama do quarto fechado: olho-me. Lanço-me como estranho ao outro do espelho que se espelha em mim*” (SILVA, 2010, p. 64). O não reconhecimento da própria imagem é comumente metaforizado na literatura por meio da perplexidade frente ao espelho; instrumento que traz instantes de epifania aos sujeitos que, ao se observarem, costumam analisar as

Congresso Internacional da ABRALIC
Internacionalização do Regional

transformações sofridas no decorrer dos anos. No tocante à transitoriedade do tempo, o eu lírico de *Retrato*, poema escrito por Cecília Meireles, enuncia: “*Eu não dei por esta mudança,/ tão simples, tão certa, tão fácil:/ – Em que espelho ficou perdida a minha face?*”. Nos versos, o drama é o enfrentado quando se chega à velhice. Já o narrador de “Obs-ceno”, traz-nos uma perspectiva diferente, para o não reconhecimento do gay para consigo ao fitar-se perante um espelho. Aí, o tema é o da negação da homoafetividade pelo próprio gay que, por sinal, é um sujeito do sexo masculino; o que ilustra a teoria proposta por Anthony Giddens (1992, pp. 140-1) a respeito da dificuldade que os homens têm de possuir uma consciência de identidade de gênero. Sérgio, ao olhar-se no espelho, não se reconhece, pois só vislumbra o reflexo da sua homoafetividade, imagem da aberração que aprendera a execrar desde a infância.

O narrador, sem perder o compasso entre questionamentos e lamentações, evidencia ter desenvolvido um estado constante de dependência afetiva. O desejo que outrora fora projetado no pai, agora era destinado a outras exterioridades, de modo que ele admite que “*sempre estava à procura de*” (SILVA, 2010, p. 64). Mais uma vez a teoria sugerida por Freud (Cf.: 1973, p. 119) sobre a necessidade de se encontrar um “objeto sexual” que substitua a carência deixada pelos pais se confirma. Nesta passagem, também observamos que ao não determinar do quê ou de quem estava sempre à procura, o narrador expressa o quão objetual e desinteressada é a sua forma de estabelecer e se relacionar nos vínculos interpessoais.

“*Aquela sensação de bem-estar molestava minha vida, pois concomitante a essa sensação, o mal estar sentido aparecia como vazio interno*” (SILVA, 2010, p. 64). O narrador afirma estar em um estado de incompletude, mesmo quando dispõe de artifícios, que julga fundamentais, para se tornar feliz. Ele confessa que o “*bem estar*” é insuficiente, porque o vazio causado pelo sentimento de solidão é insuperável, gera a ideia de que algo precisa ser preenchido, embora ele não saiba exatamente o quê. Pode parecer controverso, mas quanto mais ele deseja estar acompanhado, mais o sentimento de solidão se fortalece. A procura é árida e os meios utilizados de satisfazer o desejo não preenche a “falta”; cada tentativa fracassada aumenta o desamparo e o abandono, que ganham sentidos expressivos na narrativa.

Tais declarações são capazes de revelar o quanto o narrador está acometido pela solidão. Por se sentir sozinho, ele desenvolve uma carência canalizada a sua libido, que passa a agir em forma de uma constante tensão emocional, como atestara Freud (Cf.: 1973, p. 79). Os homens solitários tendem a se fechar e se isolar dos círculos sociais considerados saudáveis, o que aumenta a sensação de desamparo:

Já tinha experimentado dedos lá dentro, masturbar-me, sentar sobre frascos vazios de desodorantes rolo, inventar que chupava um cacete sem nada na boca. Nada feito. Nada disso tinha o mesmo sentido, os signos eram outros. Estava desmilitando o lugar das coisas já estabelecidas. (SILVA, 2010, p. 66).

Neste fragmento, percebemos como a busca pelo encontro de um novo objeto sexual pode chegar a se estender a seres inanimados, o que daria para o solitário a capacidade de viver bem, mesmo estando sozinho. Mas os artefatos escolhidos pelo narrador no intuito de acabar com sua sensação de vazio não são eficazes. Em uma atitude impulsiva, ele diz ligar para um ex-namorado, chamado Alan, e só então

Congresso Internacional da ABRALIC
Internacionalização do Regional

descobrimos o seu nome: “Alô! Digo. Oi! Sérgio, manda lá! Ele sempre dizia isso” (SILVA, 2010, p. 67). Na passagem seguinte, o texto nos revela que em poucos instantes os dois estavam juntos, sexualmente envolvidos.

O encontro sexual é narrado com a mesma objetividade que caracteriza o conto. Essa objetividade, reflexo do protagonista, que não põe obstáculos em sua ávida busca pelo prazer, é expressa por meio de um recurso de estilo curioso: a marcação do tempo, que sempre que aparece está relacionada ao ato sexual ou a derivados dele: “*Tínhamos namorado por oito meses*”, revela Sérgio ao mencionar Alan, e logo após confirmar o encontro com ele, admite estar “*exausto da espera por um cacete na boca*”. Para sua sorte, Alan “*não demorou quase nada*”, e assim que chegou, despiu o solitário “*cansado de esperar*” pela realização de seus desejos íntimos. “*Não havia tido tempo de me banhar para ele, uma vez que veio rápido*”, diz Sérgio, que em seguida declara que Alan “*apressadamente se despiu*”. “*Quando menos esperava, ele estava em pé, ouriçado, com a cabeça do pau toda molhada, mirando o meio traseiro de minhas pernas*”, relata. (SILVA, 2010, pp. 66-7-8).

Essa marcação temporal é construída de maneira astuta pelo narrador, ao ponto de passar despercebida em uma primeira leitura. Sua importância, porém, é clara em vários aspectos. Primeiro, porque confere exatidão e veracidade aos fatos narrados, dando-lhes precisão e assegurando o leitor em uma linha de tempo coerente. Segundo, porque o objetivo principal do protagonista é o encontro de um parceiro para a efetivação do sexo – e essa busca passa a ser marcada quase que cronometricamente, como se cada segundo perdido representasse o agravamento de um grande dano. Assim, toda a segunda parte do conto é permeada por estas marcações, que vão culminar na última cena, em que a cópula finalmente se concretiza e o conto finalmente encerra.

Gostaríamos de assinalar pontos importantes e elementares da técnica narrativa utilizada por Antonio de Pádua nesse texto. O que ressalta primeiro, naturalmente, é a maneira fragmentada de tratar os temas relacionados ao assunto *homoafetividade*. Essa descontinuidade temática, que ora questiona o surgimento do homoafetivo e ora se concentra na representação de fantasias sexuais entre pessoas do mesmo sexo, confere para o leitor a sensação de ter penetrado na mente do próprio narrador, sendo conduzido a suas mudanças abruptas e repentinas de conceitos e imagens. Nas primeiras quatro páginas do conto, não há um caminho a ser seguido, somos expostos a um turbilhão de emoções e informações, que não nos oferecem um referencial lógico do projeto a ser cumprido pela narrativa. Os devaneios de Sérgio predominam esta primeira parte e, em uma penada, são postos de lado assim que terminam de ser “despejados”: a ligação para o ex-namorado, Alan, é o interlúdio para uma nova proposta de narrativa, em que o tempo psicológico é afastado com segurança pelo narrador, que finalmente demonstra saber o que deseja ao tomar domínio da cronologia dos fatos narrados.

Devaneios – é o que ressuma das quatro primeiras páginas. O leitor “dança” entre nomes, referências e digressões de um personagem que surge não se sabe de onde. Que faixa de idade ele tem? Onde ele está no momento da enunciação? A atração física que ele sentiu pelo pai foi agora ou há muitos anos? Que personagem é esse que surge aos pedaços, revelando um desejo, explanando sobre uma convicção, confessando um fragmento de sua intimidade? E, por fim, quem é esse narrador que nos fala e parece inconformado com a solidão que o cerca?

Congresso Internacional da ABRALIC
Internacionalização do Regional

O leitor foi – de chofre – empurrado para dentro de um mundo que desconhece. Não há, na entrada de “Obs-ceno”, nem uma palavra que sirva para localizá-lo, nenhum painel descritivo que nos permita conhecer de antemão a narrativa que vamos agora testemunhar. Somos lançados diretamente em um tempo psicológico, no meio dos pensamentos de um “ser estranho”. Apenas uma voz narrativa, falando em primeira pessoa, nos dirige. Aquilo que de mais forte nos fica das páginas iniciais é a impressão da figura do protagonista. Sem nos dizer nada explicitamente sobre quem é, de onde veio, e o que faz da vida, fornece-nos, no entanto, sua “paisagem interior”: um homem solitário, homoafetivo, carente, submisso, que deseja relacionar-se sexualmente, trata de executar sua vontade, e utiliza um ex-namorado como meio de alcançar seu objetivo.

Sérgio surge quase inteiro no primeiro momento do conto. Na segunda parte é que vamos descobrir o seu nome, perceber que ele está em casa e analisar o tipo de relação que ele estabelece com Alan. Nessa parte também compreendemos que ele é independente e já chegou a morar com o ex-namorado: “*Não demorou quase nada, batia à porta do apartamento que tinha alugado desde que nos separamos*” (SILVA, 2010a, p. 67). E observamos, no campo da ação, Sérgio concretizar as fantasias sexuais que estruturou desde a primeira parte do texto.

A princípio o narrador autodiegético é apenas alguém que não retemos, que surge confusamente diante de nós. Mas desde esse instante – e embora nem dele saibamos o nome – o “eu” que narra se imprime em nossa memória, dando impressões sem parar, emitindo opiniões sobre ele mesmo e outros, lamentando estar sozinho e desejando relacionar-se sexualmente. Assim, esse narrador se sobressai e ganha forma. É impulsivo: atitudes e pensamentos constroem-se de maneira impetuosa, inconsequente, brusca. Na segunda parte do conto, nós o vemos de novo agindo sem parar, telefonando para o ex-namorado e convencendo-o a marcar um encontro naquele mesmo instante. Fomos introduzidos em seu universo – um universo que, em última análise, se reduz às suas necessidades, às suas motivações, à sua maneira de enfrentar a solidão e de tentar vencê-la.

Totalmente imbricados surgem, à nossa frente, narrador, personagem e ação. Sérgio nasce de cada ato, de cada declaração, de cada impulso, mas cada um deles nasce por sua vez do próprio Sérgio. Esta dinamicidade, esta relação íntima entre o homem e o ato (refletida pela linguagem impetuosa, erótica, brusca, frenética, ritmada), esta recíproca entre essência e realidade vão compor a construção do conto, que ao ser finalizado, revela ao leitor que perseguiu com fluidez em direção a um objetivo.

Ao ser medida pela carência da libido, a solidão humana tende progressivamente a fechar-se à compreensão dos elementos virtuosos e sensíveis da realidade. As relações interpessoais transformam-se em um “negócio” e as pessoas, ao se estipularem valores de troca, personificam-se em “mercadorias”. Nesse sistema de barganha afetivo-sexual, que nos remete ao extinto sistema de escambo, não há espaço para aprofundamento e/ou amadurecimento emocional: os códigos vinculares se resumem apenas a relações superficiais, por intermédio de uma ligação em que possuidor se confunde com possuído.

Tal é a relação estabelecida entre Sérgio e o mundo. Seu desenvolvido sentimento de solidão leva-o a considerar todos que o cercam como “objetos” que podem ser manipulados para saciar suas carências e vontades. Mas ele não está sozinho

Congresso Internacional da ABRALIC
Internacionalização do Regional

nesse sistema comportamental: Alan partilha do mesmo posicionamento, e o trata como mero artifício para alcançar o prazer. Não existe diálogo na narrativa que revele outro interesse entre o casal que não seja o sexo efêmero. Nesse tipo de “comercialização”, a perda de tempo, como em uma empresa, é tratada como prejuízo. As parcerias de afeto e os acordos sexuais são negociados, mas a sensação de completude só dura o momento fortuito do encontro: uma vez “usufruído” do “objeto”, o estado de solidão volta, quase que imediatamente, a se instalar no sujeito:

Depositava em mim uma porção suficiente de esperma que daria para providenciar vários embriões. Mas o meu útero é seco. Minhas entranhas são macho. Não há mandrágora que tenha poder sobre esse destino. O leite: coalha. Terra: infecunda, embora destemida para o prazer. E basta. (SILVA, 2010, p. 68).

Alan é considerado pelo narrador-personagem apenas do ponto de vista do prazer sexual que ele pode oferecer. Nesse sentido, a reação que esperamos de Sérgio, logo após a realização de seu desejo tão amplamente declarado, é a de satisfação, euforia, entusiasmo intenso. Mas sua reação, para frustração de nossas expectativas é, mais uma vez, a lamentação: “*Meu útero é seco. Minhas entranhas são macho*”. Essa declaração, no contexto em que foi utilizada, expõe a principal ideia que objetivamos defender nesse estudo: a solidão, para o homoafetivo representado, está muito mais atrelada à condição de “renegado aos direitos biológico-político-sociais”, que a falta de interação com outros sujeitos. Sérgio, no instante do tão venerado orgasmo, percebe que este não lhe confere plenitude: o seu vazio interno, ao contrário do que ele imaginava, não existe pela falta do outro de seu afeto, mas pela condição psicossocial em que o homoafetivo está inserido.

“*Não há mandrágora que tenha poder sobre este destino*”, lastima-se Sérgio, ao refletir sobre a infertilidade proveniente do envolvimento entre dois homens. Segundo Lexicon (Cf.: 1990, p. 133), a mandrágora é uma planta que, de acordo com as crenças populares, nasce do esperma de um enforcado. Nas crenças medievais, atribuíram-lhe a capacidade de trazer sorte e fecundidade. Nesse viés, compreendemos o sentido deixado pelo narrador nessa passagem do texto: o enforcado gera a vida (a mandrágora), sem a necessidade de uma mulher; o mesmo está para o desejo do homoafetivo representado no conto, que se queixa por não poder gerar filhos. Ele se demonstra desacreditado, sem nem mesmo confiar nos “poderes mágicos” de fecundidade que a referida planta poderia lhe oferecer.

Sérgio desconsidera que o modelo de família tem passado por alterações que beneficiam os homoafetivos. Em tempos de alta tecnologia, da globalização revolucionária e da ascensão dos movimentos minoritários, a biologia já não é suficiente para ditar como deve ser a estruturação de uma família. E a homoparentalidade, termo que tem sido utilizado para nomear o exercício da paternidade por gays, ganha forma. Seja por intermédio da adoção ou da inseminação artificial, os homoafetivos da atualidade estão buscando métodos de burlarem as tiranias heterodoxas que os proibiam de constituir família. Sérgio, porém, é um personagem resistente: ele deseja um filho biológico, certamente não aceitaria a possibilidade da adoção, proporcionada por essas novas constituições familiares. Ao não se conformar com as limitações que a condição

de ser um sujeito homoafetivo lhe impõe, ele tende a se aprofundar cada vez mais na solidão, pois recusa as alternativas que lhe são oferecidas em nome de sua adaptação social, que, como já vimos, nem sempre é positiva.

Considerações

Compreendemos então o que Sérgio representa e compreendemos a estrutura da narrativa, escrita em um único parágrafo, para ser lida em um único fôlego, refletindo a impulsividade e a preocupação com o tempo exposta pelo narrador. O conto só encerra quando a busca pelo objeto sexual é finalizada. O sexo acabou, o conto também acaba. O que é altamente coerente ao título da narrativa. De acordo com Lawrence (Cf.: 2007, p. 08) a palavra *obsceno*, etimologicamente, significa fora (*obs*) de cena (*ceno*), ou seja, aquilo que não pode ser representado no cenário, que deve estar oculto, escondido, inacessível aos olhos e julgamentos alheios. A pesquisadora ainda aponta que os gregos e romanos consideravam obsceno a nudez, os crimes e os assassinatos. Como já colocamos ao longo desse estudo, a homoafetividade ainda é considerada “obscena” por muitos sujeitos e instituições, e por isso tantos gays são isolados ou sentem a necessidade de isolamento.

No conto, a proposta do narrador é o inverso do que a etimologia do termo título da narrativa propõe: ao invés de omitir, ele “traz a cena” – ao centro do texto – as principais discussões, práticas e desejos homoafetivos, tão silenciados pela hegemonia heterossexual. Uma vez exposta toda a “obscenidade” do *ser homoafetivo* – seja por meio de seus dramas psicológicos ou de suas condutas sexuais, a narrativa é finalizada, “sai de cena”. Isto explica o emaranhado de devaneios em que, desde o começo, fomos apanhados. O que esclarece a coesão do texto, que une indissolivelmente personagem e ação. Pois Sérgio, representante do gay que não se reconhece nos grupos sociais do meio em que habita, é o emblema complexo e contraditório da sociedade que estimula a exibição da intimidade, mas condena a visibilidade dos sujeitos que se assumem homoafetivos.

Referências bibliográficas

FILHO, Amílcar Torrão. **Tríades Galantes, Fanchonos Militantes – homossexuais que fizeram história**. São Paulo: GLS, 2000.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: IMAGO, 1973.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade – sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: UNESP, 1992.

Congresso Internacional da ABRALIC
Internacionalização do Regional

LAWRENCE, D. H. In: BORGES, Luciana. A vida no vão da escada: o conhecimento proibido em “A obscena senhora”, de Hilda Hilst. **Seminário mulher e literatura**. Bahia: UESZ, 2007.

LAFETÁ, Luiz João. O mundo à revelia. In: RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 1983.

LEXICON, Herder. **Dicionário dos Símbolos**. São Paulo: Cultrix, 1990.

OLIVA, Alberto. **A solidão da cidadania**. São Paulo: SENAC, 2000.

PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão e post scriptum**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. **Abjetos : Desejos**. Olinda: Livro Rápido, 2010.